

# Editorial

Neste numero contamos com artigos derivados de pesquisa e teóricos, de varias cidades do país. Entre várias questões abordadas, notei uma diligência grande dos pesquisadores na temática da paternidade. Assim, publicamos três artigos que versam sobre tal assunto de diferentes abordagens e perspectivas.

Antes de tudo, prestamos nossa homenagem a colega e amiga Rosa Maria Farah, incansável batalhadora na vida e na profissão. A colega Leda Maria Perillo Seixas, do Departamento de Métodos e Técnicas da PUCSP, soube nos contar um pouco da trajetória de tão querida professora.

Iniciamos com um tema que versa sobre uma temática de grande interesse social que é a questão do trauma coletivo, da violência e guerras de nossos dias. *Do trauma individual ao trauma coletivo: Os Xitas do sul do Líbano e os bombardeios israelenses 2006* de Jamil Zigueib Neto, pesquisador no CEPEDE/Pr: Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres, Curitiba – Paraná, artigo que resultou de pesquisa de campo que procurou explorar as disposições psíquicas dos cidadãos e suas ações em ambientes de extremo estresse e situações catastróficas. O foco do texto é a experiência da catástrofe vivida pela comunidade. Investigou-se o efeito das ideologias e das crenças na resistência psíquica e como reprodutor da violência. O autor, partindo de um ponto de vista psicanalítico, consegue transitar e expor as questões advindas do sujeito individual, seus traumas e possibilidades de resiliência até as grandes questões que caracterizam o grupo social estudado. Afirma que seus achados confirmam estudos de campo anteriores, indicando que as situações extremas imprimem suas marcas, porém suas consequências traumáticas instalam-se segundo a

“organização psíquica de cada um e do grau de sustentação oferecido por seu entorno social”.

Voltado para a prática clínica cotidiana de uma instituição universitária aberta ao público, temos o artigo intitulado *Caracterização das demandas de psicodiagnóstico infantil em uma clínica-escola de São Paulo*, de Lucilena Vagostello e sua equipe de psicólogas e professoras da Universidade São Judas Tadeu, São Paulo. Trata-se de uma pesquisa documental que realizou levantamento das demandas e encaminhamento do público infantil que procurou a clínica-escola desta universidade no período de 2007 a 2013. O número de crianças do sexo masculino inscritas na clínica-escola foi duas vezes maior do que o de meninas. Constatou-se que as reações emocionais às relações familiares e imaturidade/atraso no desenvolvimento foram as problemáticas mais recorrentes em ambos os sexos. A terceira categoria mais frequente em meninos foi a agressividade e em meninas foi a dificuldade no controle dos impulsos. O levantamento das queixas iniciais e dos respectivos psicodiagnósticos permitiu mapear, com maior precisão, as demandas infantis da instituição estudada. A disparidade entre queixas e diagnósticos ressalta a importância do processo psicodiagnóstico, uma vez que as crianças e suas famílias podem, a partir dele, ser encaminhadas para modalidades psicoterapêuticas ajustadas às suas reais necessidades.

Abrindo a discussão sobre a paternidade, apresento o artigo *Paternidade e Cuidado: “novos conceitos”, velhos discursos*, de Denise Bernardi, Doutoranda em Psicologia Clínica na PUC do Rio de Janeiro. Empreende uma reflexão teórica com dados históricos e a literatura sobre o gênero e cuidado, buscando delinear as várias formas de cuidar. A autora conclui que a despeito das mudanças nos conceitos acerca da paternidade e o maior envolvimento dos homens na criação dos filhos, antigos modelos e discursos ainda se mostram presentes.

De um ângulo teórico diverso, há o artigo *O que é um pai? A função paterna nos momentos iniciais do ensino de Lacan*, de Fábio Santos Bispo, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, juntamente com uma psicóloga clínica com mestrado pela USP, e colegas da Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de

Minas Gerais (UFMG). Os autores escolheram seis textos de Lacan e trabalharam com os seguintes itens: Complexos familiares: a função social do pai; O mito individual do neurótico – a função simbólica do pai; As psicoses – a função do significante do Pai; A relação de objeto – as formas da função paterna; As formações do inconsciente – os três tempos do Édipo; e *Das Ding* – a dimensão real da Lei. Concluem enfatizando a função normativa do pai na transmissão das leis sociais, seus diferentes modos de incidência subjetiva – imaginário, simbólico e real –, e enfim, sua função simbólica, considerada como elemento fundamental para o processo de estruturação do psiquismo.

Contribuindo para pensar a paternidade por ângulo teórico bastante diverso e articulando com a cultura da violência, há *A violência e a paternidade na cultura: Tropa de Elite, de Liliانا Liviano Wahba e Barbara Tancetti*, do Núcleo de Estudos Junguianos, do pós graduação em Psicologia Clínica da PUCSP. Segundo as autoras o artigo propõe uma leitura da violência a partir da noção do arquétipo paterno na sociedade ocidental pós-moderna, e, mais especificamente, da manifestação violenta e tirânica do pai tanto em seu aspecto individual como coletivo. Analisam o personagem Nascimento do filme, destacando que o mesmo recorre à tirania, narcisismo e comportamento violento na tentativa de lidar com a impossibilidade de resolução e mediação do conflito entre o feminino e o masculino criativos e o patriarcado tirânico. Com o estudo pretendem contribuir para a reflexão sobre o paradoxo da paternidade hoje.

Também na intersecção com a cultura, apresento o artigo *O universo de Terabithia: imaginação, sonho e objetos culturais como possibilidades de trânsito da realidade psíquica à realidade compartilhada*, de Claudia Perrotta, docente do Instituto Sedes Sapientiae e Elisa Maria de Ulhôa Cintra, do Programa de Estudos de Pós de Psicologia Clínica da PUC-SP. Trata-se de uma leitura winnicottiana do filme *Ponte para Terabithia* (2007). Segundo as autoras o foco é retratar como os personagens adolescentes Jesse e Leslie lidam com as frustrações cotidianas, com as tarefas próprias do processo de amadurecimento e como o brincar e a vida imaginativa são utilizados neste processo. Assim, “Leslie e Jesse construíram um lugar –

Terabithia – um *playground* que tinha o poder de tornar suportável a existência e de onde foi possível nascer o gesto espontâneo”.

Já dentro da área da Psicologia Social, há o artigo *Entre grifos, esboços e rasuras: as representações sociais de psicólogo para estudantes de Psicologia*, de Danielle Oliveira da Nóbrega, professora do curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas e Erika dos Reis Gusmão Andrade, Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É um relato de pesquisa de caráter qualitativo, em que se reuniu estratégias de produção de dados, como a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), o grupo focal e a pesquisa documental. Observaram a organização nos cinco campos: perfil, função, trabalho, ciência e processo formativo, os quais compõem os primeiros traços acerca da representação social de psicólogo. Os dados produzidos com a TALP sinalizam que a imagem delineada pelos estudantes de Psicologia está associada à imagem de uma profissão de caráter assistencialista, mas há algumas “rasuras e novos esboços”, apontando expressões como responsabilidade, conhecimento, compromisso ético-político, ética e comunidade que revelam o esboço de um outro desenho da profissão em desenvolvimento, com elementos mais coerentes com a realidade social.

Dentro da mesma abordagem, vem o relato de pesquisa na área de saúde no trabalho: *A (in) estabilidade dos usos do corpo: sobre as práticas de prevenção em saúde e segurança do trabalho no contexto de uma companhia geradora de energia elétrica no nordeste brasileiro*, de Fabiana Ribeiro Monteiro, Professora Assistente Nível II da Universidade Federal do Piauí, e Odair Furtado, Professor no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Participaram desta pesquisa dezoito profissionais da Saúde e Segurança no Trabalho (SST) de diversas áreas que responderam a entrevistas semi-estruturadas individuais no local e horários de trabalho. Os autores destacam que o essencial invisível das práticas de prevenção na saúde e segurança no trabalho é o corpo. As contradições sociais passaram a ser experimentadas como riscos pessoais, enquanto riscos gerados pelo processo de modernização foram privatizados e distribuídos desigualmente. Assim também aconteceu com os riscos de saúde. A ideia de responsabilidade individual pela própria saúde parece ter adquirido, em nossa época,

uma espécie de credibilidade absoluta que condena todos à prevenção dos riscos de adoecimento por meio do estilo de vida e trabalho.

Tratando de problemática de relevância social, em abordagem diversa, há o *artigo Práticas alimentares parentais: a percepção de crianças acerca das estratégias educativas utilizadas no condicionamento do comportamento alimentar*, de Nádia Prazeres Pinheiro-Carozzo e Jena Hanay Araújo de Oliveira, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão. Relata uma pesquisa quantitativa que visou avaliar a percepção das crianças acerca das práticas alimentares utilizadas pelos seus pais. Participaram do estudo cento e quatorze crianças, de escolas públicas e privadas de São Luis (MA), com idades entre oito e onze anos, tendo como instrumento o Questionário de Verificação das Práticas Alimentares (QVPA) – Versão Filhos (Mayer, 2011). A análise das práticas alimentares parentais indicou várias correlações entre as mesmas. Houve práticas consideradas adequadas que se correlacionaram entre si, em todos os cruzamentos, a saber: *envolvimento, ensino sobre nutrição, incentivo ao equilíbrio e variedade, modelo e monitoramento*. Descrevem como práticas inadequadas, o *uso de alimentos como recompensa e uso de alimentos para controle das emoções*. Concluindo as autoras sugerem incluir os pais em próximas pesquisas.

Ao final, podemos ler a resenha escrita por Valdeli Vieira do último livro do psicanalista Walter Trinca intitulado *As múltiplas faces do self*, em que o autor completa uma trilogia em que propõe um modelo de compreensão das perturbações psíquicas.

À leitura!

**Rosa Maria Tosta**

*Editora*

psicologia revista

*Editora chefe*

**Rosa Maria Tosta**

*Vice editora*

**Ivelise Fortim de Campos**

*Conselho Executivo*

**Beltrina Corte**

**Durval Luiz de Faria**

**Elisa Maria de Ulhoa Cintra**

**Fátima Regina Pires de Assis**

**Ivelise Fortim de Campos**

**Marilda Pierro de Oliveira Ribeiro**

**Regina Sonia Gattaz F. do Nascimento**

**Rosa Maria Tosta**

*Conselho Editorial*

**Antonio Virgílio Bittencourt Bastos**

Universidade Federal da Bahia

**Bernardete Angelina Gatti**

Departamento de Pesquisas Educacionais Fundação Carlos Chagas

**Carlos Roberto Drawin**

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Minas Gerais

**Claudia Lemos**

Instituto de Estudos de Linguagem – Unicamp

**Iray Carone**

Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade

Instituto de Psicologia – USP

**Liana Fortunato Costa**

Universidade de Brasília

**Luiz Roberto Monzani**

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Unicamp

**Maria Clotilde Rossetti Ferreira**

Departamento de Psicologia e Educação

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP

**Mathilde Neder**

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica – PUC-SP

**Pedrinho Árcides Guareschi**

Instituto de Psicologia – PUC-RS

**Peter Kevin Spink**

Fundação Getúlio Vargas

**Ubiratan D'Ambrosio**

Universidade Estadual de Campinas – Unicamp

**Yolanda Cintrão Forghieri**

Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade

Instituto de Psicologia – USP